

Sintaxe só

Saulo Lopes de Sousa

Dentro do contorno do inverso do meu ser, a poeira de cada reticência se esvai com o canto sublime do vento. E é nesse instante que eu percebo o quanto faz falta um substantivo. Mesmo que seja comum como todos os outros, ou tão simples que passe despercebido por entre linhas de uma folha de caderno, colorida com rabiscos gramaticais, esquecida na primitiva gaveta do armário. Ou, quem sabe ainda, derivado de outros livros. O que me entristece mesmo é saber que nada é concreto, tudo é abstrato. Sem coletivo, só solidão. Eis-me aqui, o grande sujeito em sua inexistência! O ser que não faz falta na oração, antes de dormir. Ainda que fizesse, ela chegaria sem alarde aos ouvidos de Deus. Minhas noites são períodos que se vestem de simplicidade e, ainda que se tornem compostos, sempre acabam no infinitivo. Por mais que a minha língua coce na boca alguma locução, não poderei jamais conjugar o verbo “haver”.

De sintagma em sintagma corre meu enunciado. Não estou livre de paradigmas, que me cortam em eixos transversais e me retalham em divisões sintáticas. Contudo, mesmo em separação silábica, tenho todas as forças para juntar meus complementos e, com a ajuda de um verbo auxiliar, recompor meu predicado nominal. Em absoluto segredo. Ninguém pode ver minhas migalhas do corpo indefinido, da vida reduzida, cacos fônicos de lembranças. Os pedaços meus, estilhaços fracionários, trincam as arestas finas e sintéticas. Restos do gênero que o tempo sopra em pó.

Vivo oculto, mergulhado em contrações doloridas. À medida que os vícios da minha linguagem tomam forma definida, afogo-me em pensamentos anômalos. Não me sai da cabeça essa ideia tão possessiva e pessoal de ser e, sendo, existir. Quimera? Devaneio imperativo. Quanto mais clamo, mais a voz se torna passiva. Paciente do destino.

Estou entre vírgulas, sei, não existo em mim mesmo. Torno-me, então, oposto. Aposto que sim! Estar entre vírgulas me impede de viver o presente, mas me recorda o passado perfeito, quando não havia transitividade e o amor era imperativo. Só que, em subordinação, é impossível me declarar agente do próprio desejo. Não passo de um objeto com ideias minúsculas, sinônimo do sobrecomum.

Talvez o meu caso reto incomode. O modo como estou a dizer, por certo, causou pena ou tédio. É disto que eu preciso: olhares oblíquos, gestos epicenos, gritos superlativos, mãos exclamativas. Ironia de minha parte. Devo estar sendo radical de mais. Na verdade, estou. Neguei-me a assumir a preposição imposta. Impedem-me de ser participio. Vivo entre hifens, por isso sou relativo.

Sei que é ilusão esperar que alguém entre em concordância verbal comigo. É mais-que-perfeito ser um simples sujeito. Sempre ouvi dizer que todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser. Talvez eu tenha birrado em ser reflexivo. Conjugam-me: um ledado engano. O futuro é o meu presente que, aliás, nem sei se existe. Essa são as últimas linhas de um morto. Sem eufemismo. Então, como escrevo, se estou morto? É estranho. É paradoxo.

Sobram-me poucos predicativos, porém não encerrarei com um ponto final. A loucura da sinestesia, caro leitor, é o que move teus olhos por esta página, que encerra um capítulo, mas deixa em branco a página seguinte. Acho que não tens a regência do meu universo nas mãos. E o fato de termos acessórios para nossa oração me deixa mais singular.

Resigno-me nessa oração reduzida. Enquanto não estivermos adjuntos, serei apenas o borrão que mancha a folha do caderno. Tu, a caneta; eu, o papel. As palavras, as palavras, as palavras...

Durma. Sonhe. Ouça uma voz sussurrar baixinho, em vocativo. Em silêncio, apenas sinta. O que escrevi é pura sintaxe. Sintaxe só.

Data de submissão: 01/02/2024
Data de aceite: 28/06/2024